



ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/x4qg3f69>

QUEM SOU EU? Uma narrativa de experiências e resistências

Merivania da Silva Barros Santos¹

“Minhas desequilibradas palavras são o
luxo do meu silêncio.” (Lispector, 1998, p.
12-13)

O mês foi junho, o ano foi 1983, bem ali nas fronteiras de um município na época denominado Ouricuri no alto sertão do Estado de Pernambuco, era madrugada de inverno, em meio a escuridão, sob a luz de uma lamparina a gás, imagino eu, nasci no embalo da canção 'Brincar de Viver', música composta por

¹ Mestranda em Filosofia pelo PROF-FILO IFSertãoPE. E-mail: santosmerivaniair@gmail.com

Guilherme Arantes, nesse contexto interpretada pela consagrada Maria Bethânia em 1983. Brincar de viver pode significar entre tantos adjetivos” enfrentar a vida com leveza, coragem e resiliência”, a letra medita sobre a existência, a música como forma de dar sentido à vida, expressar sentimentos e compreender as coisas com o coração. Aspergi a divindade do ser e estar no mundo, e a subjetividade humana, conectando a imaginação e a coragem de não desistir diante do “não”. Considerada um hino ao otimismo e à positividade, que propõe encararmos a vida com leveza. — “E como disseram não, o importante é que estou aqui...” Nesse compasso a vida me sorriu. Nascia a filha primogênita de Dona Cila e Seu Nequim, dois jovens agricultores, ambos analfabetos, mas apaixonados. As mãos de uma mulher, carinhosamente conhecida por “Mãe Sabina”, me trouxe a esse universo paralelo, naquela noite de dores, naquela casinha simples como ainda hoje é. Talvez em uma única cama que tinha, na cama de meus pais eu nasci e, acredito que como eu, minha mãe nasceu. Sou a primeira neta dos meus avós paternos que só tiveram dois filhos homens, meu pai e meu padrinho irmão dele e sendo também a primeira neta dos meus avós maternos. Em um ritmo acelerado, permeado pela desinformação a falta de assistência e planejamento familiar, a família foi crescendo, nos tornamos oito irmãos, sendo destes: cinco meninos e três meninas. Eu era a criança que cuidava das outras para ajudar minha mãe.

Cresci em um ambiente transposto pela falta de tudo, só não faltava o amor e afeto, na memória trago fragmentos de um lar acolhedor, risadas infantis ecoando pelos

cômodos e o cheiro inconfundível do café da manhã preparado com carinho pelo meu pai, que carinhosamente preparava o café para minha mãe e só depois disso saía para a labuta. Os lençóis de retalhos que a minha avó fazia para nós, eram tempos difíceis, muito mais ainda que na contemporaneidade, principalmente para as mulheres, crianças e conseqüentemente para todos. Cresci numa uma família humilde e unida, repartíamos tudo para que não faltasse a ninguém, desafios econômicos entre outros, uma vizinhança tranquila, uma espécie de aldeia, foram anos de descobertas, aprendizados e a construção.

Um novo universo foi me apresentado através do acesso à escola primária. Embora minha trajetória acadêmica, tenha sido marcada por duras experiências, difícil acesso, a falta de vaga na escola, falta de material escolar, falta de estrutura, classe no formato multisseriado, meu primeiro contato com a escola foi em uma sala da casa de minha avó materna, as aulas eram ministradas nesse espaço. Eu ficava cobiçando os livros dos outros porque não tinha livros para todos, lembro-me com carinho da professora “minha madrinha” quando terminava a leitura me emprestava a cartilha que ela usava, carinhosamente sentava ao meu lado ia me mostrando as letras, todos os dias lia para mim o poemas de Vinicius de Moraes, me recordo até hoje.

“A Porta”

Eu abro devagarinho
pra passar o menininho...
Eu abro de sopetão
pra passar o capitão...



Só não abro pra essa gente
 que diz (a mim bem me importa...)
 que se uma pessoa é burra
 é burra como uma porta.
 Eu sou muito inteligente!
 ... fecho tudo nesse mundo só vivo aberta no céu!
 (Moraes,1991,p.26).

É um poema que nos oferece reflexões acerca da resistência da porta diante de algumas premissas que lhe agrade frente ao mundo.

Durante a adolescência, assim como para muitos, experimentei verdadeiras tempestades de emoções e dúvidas. As certezas da infância foram se desvanecendo, dando espaço para novas experiências que constituíram a minha identidade. Os desafios das primeiras decepções, pressão dos amigos/as, o primeiro amor, o meu foi trágico. Um período marcado por importantes aprendizados, e descoberta de coisas novas, logo as brincadeiras de crianças foram trocadas por reuniões de amigas.

O advento da vida adulta marcou o começo de uma fase totalmente nova, cheia de responsabilidades e da necessidade de tomar decisões cruciais. Seria esse o momento de escolher qual carreira seguir, o que para muitos é possível nesse momento, para mim naquelas circunstâncias não me foi dado o poder de escolha, mas me sentia livre para lutar pelos meus objetivos, de certa forma esse período foi marcado por decisões de transformação. Inserida na lutas sociais tendo como base meus pais, que militavam as lutas do cooperativismo, sindicalismo e associativismo, motivada pela

necessidade de um lugar de fala, fui no lugar de minha mãe , que temia muito que eu ganhasse o mundo para longe dela, ocupar um espaço na direção do Sindicato de trabalhadores rurais do meu município, foi uma atividade onde enfrentei diversos desafios que exigiram de mim maturidade para lidar com pessoas totalmente diferente de mim, em atitudes, pensamentos e ações, sofri bastante, estranhamento, preconceito, visto que não era comum jovens atuando nas organização, aquele organismo era centrado em um pequeno grupo familiar um tipo de monopólio estrutural que é praticado nos organismos, até mesmo naqueles que auto se intitula de defender os direitos de determinadas categorias. Foi um caminho de aprendizado e por vezes de superação de obstáculos inesperados. Não deveria ser, mas o perfil jovem poderia ser destacado e isso representava uma afronta, mas eu gostava de lidar com as pessoas, e aqui era só uma experiência que me ensinou muito e fortaleceu minha determinação. Nesse fio condutor permaneci por pouco mais de dez anos, fiz parte da reestruturação do espaço sede, também da reorganização do conselho municipal de desenvolvimento rural. Foi um percurso fácil? Não! Ao longo desse caminho marcado por uma longa história, eu precisei me reinventar constantemente, minha maior satisfação foi ser útil àqueles que viviam em uma escuridão maior do que a minha, são tantas memórias, algumas não boas, mas de grande relevância para mim, aqui eu aprendi bastante, para mim uma verdadeira escola.

Estabeleci vínculos importantes e aprendi com as alegrias e desafios cotidianos, e em meio a tudo isso, quando me dei conta estava apaixonada, o meu

namorado com quem me casei e formei uma família, nossos dois filhos Igor e Raul, eles nasceram e eu renasci. Meu filho mais velho nasceu em maio de 2005, marcando assim uma nova fase cheia de ternura, amor e grandes responsabilidades, me trouxe grandes descobertas e propósito profundo, meses depois de seu nascimento, descobrimos que ele havia nascido com uma cardiopatia congênita grave, e as possibilidades de tratamento cirúrgico para correção haviam sido esgotadas, confesso que nenhum obstáculo foi maior na minha vida, receber esse diagnóstico de meu filho, foi a dor que nunca passou em mim. Meu mundo desabou, e o chão desapareceu aos meus pés. Eu perdi o norte de tudo, e sem chão, tudo que eu pedia a Deus, pois era a quem eu podia pedir alguma coisa, é que tudo aquilo fosse comigo, meu maior desejo era poder tirar o meu coração e dar para ele viver sem nenhuma limitação. Nunca me senti tão impotente, incapaz, aliás ainda hoje me sinto, e tudo que eu mais fiz naquele período de aceitação foi chorar horrores, eu dormia chorando e acordava também a chorar, apesar de tantas dores que eu já senti nunca nenhuma doeu tanto em mim. Quatro anos depois em maio de 2009, nasceu nosso segundo filho Raul, não planejado, mas esperado, naquele período eu desenvolvi uma psicose, o tempo todo eu me pegava pensando como seria dividir o meu amor com dois filhos, e ainda mais porque um primeiro sempre dependeria de mim para quase tudo. Eu chorei tanto com medo de morrer no parto, esse é um fato que eu atribuo a negligência médica e a violência obstétrica no meu primeiro parto.

Anos depois, meus meninos ainda pequenos, e mesmo diante dos contratempos, retomei os

estudos, ingressei no curso bacharel em Serviço Social, ofertado na modalidade a distância pelo IES, tinha na época a unidade sede em Juazeiro/BA, com uma extensão na cidade de Ouricuri/PE. Oferecia aulas presenciais aos finais de semana, eu cursei basicamente até o período VI de VIII períodos, depois de muitos esforços, físicos, psicológicos, despesas com transporte, alimentação, material e mensalidade, fomos todos os estudantes surpreendidos pela confirmação de que aquele curso não possuía reconhecimento pelo MEC, optei por não concluir, pois além dos custos, era um período que meu esposo estava trabalhando fora, o que dificultava o meu acesso por conta de meus dois filhos ainda pequenos, e assim foi um projeto que ficou pelo caminho. Nesse período estava residindo em Petrolina, busquei fazer um curso profissionalizante, o SENAI oferecia naquele período vagas em um curso ofertado em parceria com governo federal, fui contemplada com um curso de Assistente Administrativo, iniciei o curso, mas por ser no período da tarde e por motivos de incompatibilidade de horário do serviço do meu esposo e por não conseguir alguém que pudesse tomar conta de nossos filhos acabei não concluindo o curso. Posteriormente, consegui ingressar em um curso técnico em serviços públicos pelo Instituto Federal, na turma de 2014 a 2017, o curso foi ofertado na modalidade a distância com encontros presenciais a cada 15 dias, no Campus Petrolina. No entanto, no período de estágio deste curso, fui convidada a me candidatar a vereadora na minha cidade, época que tinha articulação com as organizações sociais daquela cidade, fazia parte de conselhos da criança e adolescente, desenvolvimento rural e do Sindicato. Eu concordei, fui candidata porque eu

acreditava em coisas possíveis, que hoje sei que não são, pelo menos da forma que eu imagina ser, “ingenuamente”? Não! Mas com uma grande audácia. É preciso mudar as coisas, não a mim mesmo. Aqui comuniquei de ensinamentos valiosos, um desafio profundamente incomum, ocorreram reflexões sobre contextos que nos inserem em situações vulneráveis, sobre aquele território, sobre um povo que ali vivem, grandes lições tirei de tudo isso. Percebi que as dificuldades, mesmo desafiadoras, podem atuar como impulsionadoras do crescimento e da transformação pessoal.

Movida pelo desejo de possuir uma graduação, não medi o esforço e fiz em 2018 o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e este me possibilitou no ano seguinte ingressar no curso de Licenciatura em Pedagogia ofertado pela Univasf. Assim como tantas outras coisas em minha vida esse também foi um desafio repleto de contratempos, logo o curso iniciou junto com a pandemia do COVID-19, fator que desestabilizou o mundo, e consequentemente as populações mais vulneráveis. Contudo, em meio a tanto assombro, sobrevivi, superando cada dia, cada crise de ansiedade e os desafios todos. Em 2024, finalmente aquele sonho que poderia ter sido realizado aos vinte e poucos anos, foi somente possível 20 anos depois, foi maravilhoso poder apresentar a universidade que me formei ao meu pai que é analfabeto, e a minha mãe que também não tem formação acadêmica, pois somente depois que criou seus filhos se desafiou a estudar, ambos ficaram lisonjeados naquele momento, seus olhos brilhavam, e contagiados por uma imensa alegria, as lágrimas foram a forma de dizer que estavam orgulhosos quando assistiram a mim ser

concedido o grau. Lembro que falei: “Pai, aqui é uma universidade, um espaço público que ainda são poucas pessoas que vem de onde eu venho que conseguem chegar até aqui. Consegui realizar este sonhos, ele me olhando sorrindo, me disse é um lugar muito bonito, você merece está aqui aliás merece realizar todos os sonhos”. Conclui a Licenciatura em Pedagogia, um curso ofertado por uma Universidade Federal, Instituição de grande relevância para desenvolvimento da nossa região.

Atualmente, estou professora da educação infantil na rede de educação do município de Petrolina, antes de concluir curso de Pedagogia fui convocada a assumir a vaga, e aqui estou, me reciclando, aprendendo e ensinando, em meio as tempestivas dificuldades, e na busca por compreender o meu lugar no mundo. Foi em 2024 que também tive a oportunidade de participar da seleção do mestrado Profissional pelo programa PROF-FILO ministrado pelo núcleo do IF Sertão PE, Campus Petrolina Zona Rural. Apresentei um pré-projeto de pesquisa voltado para estudos da filosofia infância, uma proposta que mesmo carecendo de aperfeiçoamento para ganhar vida através de um produto final, me levou ao mestrado PROF-FILO. Essa minha ousadia, às vezes soa como um paradoxo frente à realidade do cotidiano.

Ao refletir sobre o meu passado, consigo apreciar a beleza e a complexidade da minha jornada. Foram os momentos de superação que realmente me moldaram e me impulsionaram a chegar até aqui, as cicatrizes que carrego se transformaram em símbolos de aprendizado e força para continuar no caminho.



Busco viver com otimismo, e viver essa maravilhosa sensação de que nada está pronto, e que há sempre algo a ser feito, a começar por nós mesmos, com a esperança de continuar crescendo e contribuindo para o mundo ao meu redor. A história da minha vida é uma narrativa em construção, e cada novo dia é uma oportunidade de escrever um novo capítulo, aprendendo com o passado e olhando para o futuro com esperança e determinação.

Referências:

BETHÂNIA, Maria. *Brincar de Viver*. In: LETRAS.MUS.BR. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/47218/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

RAMOS, Flávia Brocchetto; ESPEIORIN, Vania Marta. A metamorfose do pensamento e das palavras em a leitura de “A porta”. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 34, n. 57, p. 205-218, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index.htm> Acesso em: 13 de abril de 2025

ROCHA, Gabriel Kafure. UMA TOPO-ONTOLOGIA DE HEIDEGGER E BACHELARD. *Ideas y Valores*, Bogotá, v. 69, n. 172, p. 33-56, Apr. 2020. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-00622020000100033&lng=en&nrm=iso>. access on 01 May 2025. Epub Mar 20, 2020. <https://doi.org/10.15446/ideasyvalores.v69n172.55867>.

Submetido em Abril de 2025

Aprovado em Maio de 2025

Re(senhas)

